



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HUGO DLEON PIMENTEL DA SILVA

**LIBERTAÇÃO: O SURGIMENTO DE UMA TEOLOGIA
LATINO-AMERICANA**

Maceió

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HUGO DLEON PIMENTEL DA SILVA

**LIBERTAÇÃO: O SURGIMENTO DE UMA TEOLOGIA
LATINO-AMERICANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, da Universidade Federal de Alagoas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Graduação em Licenciatura em História. Orientador: Alberto Vivar Flores.

Maceió
2021

**Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586l Silva, Hugo Dleon Pimentel da.

Libertação : o surgimento de uma teologia latino-americana / Hugo
Dleon Pimentel da Silva. – 2021.
41 f.

Orientador: Alberto Vivar Flores.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 41.

1. Teologia da libertação. 2. América Latina. I. Título.

CDU: 261.625(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HUGO DLEON PIMENTEL DA SILVA

**LIBERTAÇÃO: O SURGIMENTO DE UMA TEOLOGIA
LATINO-AMERICANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, da Universidade Federal de Alagoas como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Licenciatura em História. Orientador: Alberto Vivar Flores.

Maceió, 01 de outubro de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alberto Vivar Flores
Universidade Federal de Alagoas

Prof. José Roberto Santos Lima
Universidade Federal de Alagoas

Prof. José Roberto Gomes da Silva
Universidade Federal de Alagoas

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus por me conceder a vida e por me dar a força necessária para que eu supere todos os obstáculos. Agradeço aos meus pais, João e Maria, por terem me educado com amor e dedicação, agradeço também a minha esposa Ana Lúcia por tanto me apoiar e cuidar dos nossos filhos. Quero lembrar de Maurício Júnior, pela amizade e pelas boas conversas que me ajudaram a crescer como pessoa. Agradeço a Dorgival, uma importante amizade construída ao longo do curso. Agradeço a minha irmã Dayana que muito me aconselhou nessa caminhada. Gostaria ainda de agradecer aos professores do Curso de História licenciatura, pela boa formação que recebi, em especial ao Professor Alberto Vivar Flores, pela amizade durante o curso e pela orientação nesse trabalho.

“Cristo no libertou para que desfrutemos a liberdade” (Gl 5,1), diz nos Paulo. Libertação do pecado, enquanto este representa fechamento egoístico em si mesmo. Pecar é negar-se a amar os demais e, por conseguinte, o próprio senhor (Gustavo Gutiérrez).

RESUMO

Desde a chegada dos espanhóis em solo caribenho, a vida dos povos originários foi impactada de forma definitiva, o encanto dos europeus com a beleza da natureza e com as imensas riquezas encontradas foram o caminho da morte para os indígenas. Entre os movimentos de libertação por via armada, destacam-se as ações de Tupac Amaru, descendente dos Incas e posteriormente as guerras de libertação da América lideradas por Simón Bolívar e José de San Martín que culminou com a independência das colônias frente a coroa espanhola. No aspecto religioso tivemos a atuação de ordens católicas em solo latino-americano, onde muitas vezes serviam ao interesse do sistema colonial, com exceção de posteriores ações da companhia de Jesus que se tornou uma instituição que em parte representou a resistência às barbáries cometidas contra os Índios. Figuras como Antônio de Montesinos e Bartolomé de Las Casas se tornaram símbolos da luta em busca da libertação. Por fim ocorreram acontecimentos que almejavam a libertação inspirada no espírito do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, passando a surgir a Teologia da Libertação, sobre a qual Gustavo Gutiérrez elaborou uma síntese que mudou os rumos da Teologia na América Latina.

Palavras – Chave: Libertação, Teologia da Libertação, América Latina.

RESUMEN

Desde la llegada de los españoles a suelo caribeño, la vida de los pueblos originarios se vio definitivamente impactada, el encanto de los europeos con la belleza de la naturaleza y las inmensas riquezas encontradas fueron el camino de la muerte para los indígenas. Entre los movimientos armados de liberación, destacan las acciones de Túpac Amaru, descendiente de los incas, y posteriormente las guerras de liberación en América lideradas por Simón Bolívar y José de San Martín, que culminaron con la independencia de las colonias de la corona española. . En el aspecto religioso, tuvimos la acción de las órdenes católicas en suelo latinoamericano, donde muchas veces sirvieron a los intereses del sistema colonial, con la excepción de acciones posteriores de la compañía de Jesús, que se convirtió en una institución que en parte representó la resistencia a la la barbarie cometida contra los indios. Figuras como Antônio de Montesinos y Bartolomé de Las Casas se convirtieron en símbolos de la lucha por la liberación. Finalmente, hubo eventos que apuntaban a la liberación inspirados en el espíritu del Concilio Vaticano II y de la Conferencia de Medellín, dando lugar a la Teología de la Liberación, sobre los cuales Gustavo Gutiérrez elaboró una síntesis que cambió el rumbo de la Teología en América Latina.

Palabras - Clave: Liberación, Teología de la Liberación, América Latina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - A CHEGADA DE COLOMBO NA AMÉRICA, A BUSCA POR OURO E A CONVERSÃO DOS NATIVOS (A REAÇÃO DE LAS CASAS) E ACONTECIMENTOS DO SÉCULO XVI AO XIX	12
1.1. Colombo e a visão do paraíso.....	12
1.2. Entre a cruz e o ouro	15
1.3. A exploração e o assassinato dos povos nativos e a reação de Bartolomé de Las Casas	19
1.4. Importantes acontecimentos ocorridos entre os Séculos XVI ao XIX.....	22
2 - A HERANÇA TEOLÓGICA TRAZIDA PELOS EUROPEUS, O CAMINHO PARA UM PENSAR TEOLÓGICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA LATINO-AMERICANA.	26
2.1. A Teologia do velho mundo	26
2.2. O concílio Vaticano II	29
2.3. A Conferência de Medellín	33
3 - GUSTAVO GUTIÉRREZ, A PUBLICAÇÃO DA OBRA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E UMA SÍNTESE DA MESMA.	35
3.1. Gustavo Gutiérrez e a publicação da obra Teologia da Libertação	35
3.2. Um breve olhar sobre o livro Teologia da Libertação	37
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo abordar o surgimento da Teologia da Libertação, uma corrente teológica nascida na América Latina. Antigos historiadores cronistas entendiam a história como um esforço do ser humano na tentativa de registrar fatos considerados importantes. Como disse Heródoto de Halicarnasso: “ao escrever a sua história, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo¹...”

Nesse sentido, a história tinha como seu objeto de estudo, o passado e mantinha-se o foco no registro de grandes fatos e destacavam-se personagens tidos como proeminentes. Contudo as mudanças causadas na historiografia com a própria história se tornando ciência no século XIX, somado as influências trazidas pelas escolas historiográficas marxistas e dos Annales, modificou a forma de se entender e escrever a história. Marc Bloch em seu livro intitulado, “Apologia da História”, criticou a visão de que o passado seja objeto de estudo da história, por ser impossível ao historiador poder conduzir seu objeto de estudo em um “laboratório”, e assim poder analisa-lo². Bloch defendia que o verdadeiro objeto da história é “o homem e este no tempo³”.

Além dos princípios relatados acima, o conceito de luta de classes advindo do materialismo histórico dialético, muito bem desenvolvido por Karl Marx⁴, também serviu como base para a construção das ideias aqui descritas. Em seu Manifesto do Partido Comunista Marx (2020, p.10) comenta, “A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe”.

Este trabalho de conclusão de curso está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo possui três subtópicos que objetivaram a descrição da chegada dos colonizadores na América, assim como ressaltar a admiração dos europeus com a beleza das terras recém “descobertas” e demonstrar como se deu a exploração e o

¹ Heródoto, Historias, Livro I Clio. Disponível em: www.ebooksbrasil.org. Acesso em: 04 de novembro de 2017.

² Bloch, Marc, Apologia da História. Editora Zahar, 2001, p. 52.

³ Bloch, Marc, Apologia da História. Editora Zahar, 2001, p. 55.

⁴ Filósofo alemão que viveu entre 1818 a 1883. Dedicou sua vida ao estudo da filosofia e da economia política a fim de demonstrar as contradições do sistema capitalista de produção, através do jogo de interesses contido na relação capital x trabalho.

genocídio cometido contra os povos originários. O segundo capítulo é composto por três subtópicos que abordam a herança teológica trazida pelos europeus e mais adiante demonstra a influência do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín na construção de um novo pensar teológico. Já o terceiro capítulo foi dedicado a apresentar a pessoa de Gustavo Gutiérrez, considerado o pai da teologia da libertação. Ainda nesse capítulo se apresenta os acontecimentos que acarretaram na publicação da obra Teologia da Libertação em 1971, apresentando uma síntese do que essa defende, e são ressaltadas as consequências oriundas dessa forma de pensar.

Esse trabalho defende o pressuposto de que a Teologia da Libertação surgiu para dar voz aos oprimidos, preenchendo a lacuna de uma teologia que oferecesse resposta às necessidades do povo latino-americano e desnudasse o opressor acusando-o e mostrando a sua culpa diante de Deus e dos homens.

1 - A CHEGADA DE COLOMBO NA AMÉRICA, A BUSCA POR OURO E A CONVERSÃO DOS NATIVOS (A REAÇÃO DE LAS CASAS)

1.1. Colombo e a visão do paraíso

O fim do século XV e início do século XVI foi marcado por importantes acontecimentos, em 1492 os espanhóis vivendo sob um reinado unificado pelos reinos de Castela e Aragão, se fizeram vitoriosos na guerra contra os Mouros que resultou na reconquista de Granada em 2 de janeiro de 1492.

Assim como seu vizinho da Península Ibérica, Portugal, a Espanha se aventurou pelos mares nas chamadas grandes navegações que tinha como alvo a busca pelas especiarias, assim como pelos metais preciosos como ouro e prata. Era um processo que culminaria com o surgimento e desenvolvimento do Mercantilismo ou Capitalismo mercantil.

Então, movido por interesses acima de tudo econômicos, os espanhóis viram a necessidade de fazer comércio com os povos do Oriente, entretanto, a rota conhecida pelo continente que dava acesso a Ásia havia sido fechada para os cristãos pelos turcos, com isso, existia uma rota alternativa conhecida, contornar por mar o continente africano e atingir com isso o Oriente. A coroa espanhola financiou um experiente navegador, para que o mesmo com base em suas concepções pudesse encontrar uma nova rota para as Índias, seu nome, Cristóvão Colombo.

Cristóvão Colombo era um experiente navegador, nascido em Génova, no ano de 1451, casado com Filipa Moniz, dessa relação nasceu Diogo Colombo. Fruto de um relacionamento posterior de Cristóvão Colombo com Beatriz Enríquez de Arana nasceu Fernando Colombo. Criticando o senso comum da época defendia que a terra era redonda e desafiava o conceito de terra plana. Baseado nos cálculos do florentino Toscanelli⁵, Colombo defendia a ideia de que navegando sempre a oeste se encontraria uma nova rota com isso podendo chegar ao oriente. Naquela época tal viagem era vista como desafiadora, pois havia no imaginário dos navegadores que a partir de determinado ponto da viagem às embarcações iriam se encontrar com um grande abismo habitado por monstros gigantescos e assustadores. Em sua

⁵ Matemático, astrônomo e geógrafo Italiano (1397 – 1482).

obra *As veias abertas da América Latina*, Eduardo Galeano, assim comentou sobre tais lendas:

Quando Cristóvão Colombo se abalçou a atravessar os grandes espaços vazios a oeste do Ecúmeno, ele aceitara o desafio das lendas. Tempestades terríveis sacudiriam suas naus como se fossem cascas de nozes e as lançariam na boca dos monstros, e a grande serpente dos mares tenebrosos, faminta de carne humana, estaria à espreita (GALEANO, 2015, p. 29).

Numa Sexta-Feira, 3 de agosto de 1492, Cristóvão Colombo partiu do Porto de Palos com uma esquadra formada por 3 caravelas, Pinta, Nina e Santa Maria.

Durante o percurso alguns percalços ocorreram como um defeito no leme da caravela Pinta no dia 6 de agosto, tendo sido consertada, voltou a quebrar no outro dia o leme e surgiu um vazamento na mesma caravela, tais problemas obrigaram a esquadra a atracar em Tenerife e fazer os devidos consertos⁶. No dia 15 de setembro um cometa atravessou o céu caindo no chão e assim registrou Colombo: “E logo no começo da noite viram cair do céu um maravilhoso galho de fogo no mar, a uma distância de quatro ou cinco léguas de onde se encontraram”⁷. Houve revoltas da tripulação com a duração da viagem e inclusive as próprias léguas percorridas eram registradas em menor quantidade para se evitar o pavor da distância.

No dia 11 de outubro de 1492 houve certo alvoroço e indícios de terra aumentaram e assim relatou Colombo:

O almirante pediu e aconselhou que montassem guarda no castelo de proa, e olhassem bem à procura de terra, e que ao primeiro que lhe dissesse que enxergava, lhe daria prontamente um gibão de seda, sem os outros favores que os monarcas tinham prometido, que eram dez mil maravedis de juro ao primeiro que enxergasse. Às duas horas da madrugada surgiu terra, da qual estariam a apenas duas léguas de distância. Arriaram todas as velas e ficara só com a da popa, que é a grande sem suplementares, e puseram-se à capa contemporizando até a sexta-feira, quando chegaram a uma ilhota dos Lucaios, que em língua de índios se chamava Guanahani. Logo apareceu gente nua, e o almirante saiu rumo à terra no barco armado com Martin Alonso Pinzón e Vicente Anés (Vicente Yánez), seu irmão, e comandante da Niña (COLOMBO, 1984, p.44).

Durante os eventos que se seguiram Colombo reivindicando a terra recém-descoberta para o poder do reino da Espanha chamou o escrivão Rodrigo de Escovedo e solicitou o registro deste acontecimento. Ao descrever os habitantes nativos, Colombo os descreve por sua nudez, pela cor de sua pele, nem negros, nem brancos, enfatiza o habito de se pintarem e de sua “inocência”, que o levou a acreditar serem de fácil conversão ao cristianismo.

⁶ Ver o diário do descobrimento, páginas 32-33.

⁷ Ver o diário do descobrimento página 35.

Com relação à impressão que Colombo teve da terra recém-descoberta, durante todo seu relato registrado no diário de bordo, nos deparamos com a convicção de que ao contemplar as belezas naturais e a imensidão das árvores, as inúmeras espécies de animais e a impressão de um lugar nunca antes explorado o levaram a conclusão de ter encontrado o paraíso terrestre.

Sergio Buarque de Holanda, no livro “Visão do Paraíso”, ressalta que

Colombo não estava tão longe de certas concepções concorrentes durante a idade média acerca da realidade física do Éden que descreve de sua existência em algum lugar do globo. E nada o desprendia da ideia verdadeiramente obsessiva em seus escritos, de que precisamente as novas índias, para onde o guiará a mão da providência, se situavam na orla do paraíso terreal (HOLANDA, 2000, p.19).

Ao escrever uma carta para o rei Fernando e a rainha Isabel, Colombo tenta descrever sua admiração pela imensa beleza ali encontrada, ressaltando-lhes que

Creiam vossas majestades diz o almirante que essas terras são todas boas e férteis, sobretudo as desta ilha espanhola que não há ninguém capaz de exprimir em palavras e que só pode acreditar quem já viu. (COLOMBO, 1984, p.74).

Vislumbrado com tudo que encontrara, terras com aspectos quase intocados, Colombo de fato acreditou que aquele lugar era de fato o paraíso terreal, tudo lhe “enchia os olhos” e eis outro relato sobre sua visão:

“Foi uma coisa deslumbrante ver o arvoredo, o frescor das folhagens, a água cristalina, as aves e a amenidade do clima. Diz ele que lhe dava vontade de nunca mais sair dali” (COLOMBO, 1984, p. 66).

As expressões de Colombo deixam claras o quanto ele ficou espantado com tudo que via, de fato, seus olhos seriam ludibriados não apenas pelas belezas naturais das Antilhas, como bem sabia ele, outros motivos o impulsionaram nessa jornada, a busca pelo ouro, pela prata e por especiarias seriam marcadas cada viagem que o almirante faria para o novo mundo. Além desses fatores acima ditos, a evangelização dos povos seria outro de seus objetivos referentes à coroa espanhola e principalmente relativo aos interesses da santa sé. Sobre essas questões este trabalho tratará no próximo subtópico.

1.2. Entre a cruz e o ouro

A missão dos colonizadores estava alicerçada nesses dois pilares, no econômico, pela busca do ouro e das especiarias e no religioso que se objetivava a evangelização dos povos nativos, processo conhecido como catequização. Alguns anos depois de Colombo “cravar suas botas” em solo caribenho e mesmo após a morte deste ocorrida em 1506, tal processo colonizador se dava nessa via dupla, no entanto, como veremos adiante, a evangelização dos nativos daria lugar ao seu extermínio.

Com relação aos objetivos dos espanhóis agirem através desses dois véis, podemos destacar a opinião do importante historiador francês Marc Ferro, que em sua obra *A Colonização explicada a todos*, sobre isso escreveu:

Depois vêm as grandes expedições marítimas, na virada do século XV para o século XVI: o genovês Cristóvão Colombo, a serviço da Coroa espanhola, “descobre” a América em 1492, e o português Vasco da Gama, a Índia, em 1498. Nos dois casos, trata-se de, simultaneamente, encontrar a rota das especiarias, apropriar-se das riquezas da Ásia e evangelizar as populações. A colonização atende, tanto para Portugal como para a Espanha, a um projeto ao mesmo tempo comercial e religioso. *Ouro e Cristo* (FERRO, 2017, p.18).

Em seu diário do descobrimento, Colombo enfatiza sua busca por ouro e pela evangelização dos nativos, para com isso aumentar os lucros da coroa espanhola, tornar a Espanha um império ao invés de apenas um reino, assim como converter novas “almas” ao catolicismo, esses são objetivos que estão presentes de forma paralela, eis o que Colombo diz em seu diário:

“Agora, escrevendo isto, soltei a vela com o vento sul para rodear toda ilha e me empenhar para encontrar Samoet, que é a ilha ou cidade onde está o ouro, segundo dizem todos os que vêm até a nau e também diziam os habitantes da ilha de Sam Salvador e de Santa Maria. Essa gente é semelhante às das referidas ilhas, tanto na língua como nos costumes... Não me consta que professem alguma religião e acho que bem depressa se converteriam em cristãos, pois tem muito boa compreensão”. (Colombo, 1984, p.50).

Se dirigindo ao Rei Fernando e a Rainha Isabel, Assim disse Colombo:

“Tenho certeza, Sereníssimas Majestades - diz o almirante - que sabendo a língua e orientados com boa disposição por pessoas devotas e religiosas, logo todos se convertiam em cristãos; e assim confio em nosso senhor que vossas Majestades se determinarão a isso com muita diligência para trazer para a igreja tão grandes povos, e os converterão, assim como já destroçaram aqueles que se recusaram a processar a fé no pai e no filho e no Espírito Santo”. (Colombo, 1984, p.59).

Os padrões culturais espanhóis foram introduzidos no sistema colonial latino-americano. Foi implantada uma sociedade de classes, onde alguns espanhóis eram destinados aos cargos de lideranças, muitos deles escolhidos pelo próprio rei, estes se tornariam senhores dos índios que passaram a ser tratados como servos em sua própria terra. A partir dessa divisão se notabilizou diversas atitudes de discriminação racial por parte do colonizador em relação aos povos indígenas. Observemos o que foi dito por Roberto Oliveros Maqueo em seu livro *Liberación Y Teología*:

“Los patrones culturales españoles fueron impuestos em la cristiandad colonial latino-americana. Se trasladaron a América los esquemas de la sociedade classista española. Latinoamérica entró al esquema señor-siervo. Com la particularidade de que la situación de la población indígena (los siervos) era mucho peor que la del Pueblo bajo español. Basta pensar em la discriminación racial que pesaba sobre el natural de estas tierras. El sistema y crueldade de los encomenderos, será siempre um punto negro en nuestra historia”. (MAQUEO, p.11, 1977).

Nesse choque de culturas causado pelo encontro entre a cultura europeia e a indígena, o que se notabilizou foi à imposição da cultura europeia e a desvalorização e destruição da cultura nativa, no entanto, daquilo que sobrou posteriormente, se produziu uma síntese carregada de singularidade, o modo de ser latino-americano se mostrou muito distinto do modo de ser espanhol.

O interesse da coroa espanhola havia coincido com os interesses da Igreja e nesse sentido está última ratificava as práticas feitas pelos representantes do poder temporal. Foi cúmplice de certo modo com uma ideologia colonizadora devassa, exceto por alguns casos como os de António de Montesinos e Bartolomé de Las Casas que bateram de frente com o sistema implantado. O Rei da Espanha tinha a incumbência delegada pela cúria, de escolher ou aprovar os bispos que seriam nomeados para liderar a Igreja na América. Roberto Oliveros Maqueo em seu livro *Liberación y Teología* assim disse a respeito:

“Pero la Iglesia institucional era um instrumento muy apto para sacralizar el proyecto histórico español. Y de hecho se usó, se instrumentalizó para sacralizar la ideologia que afirmaba tal ordem de cosas como querido por Dios. El Rey por el derecho que le daba el Patronato nombraba, o al menos aprobaba los obispos que vendrían a América. Y los obispos así nombrados, nunca pudieron entablar relaciones directas com Roma”. (MAQUEO, 1977, p.12).

O que se observou na prática foi que a cobiça pelo ouro, a ganancia que corrói o coração do ser humano levou os cristãos espanhóis a esquecerem de

observar ou mesmo ignorar as recomendações de seu mestre que disse: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar o outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e as riquezas⁸”. E não respeitaram esse outro texto que diz: “Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores⁹”.

Um relato registrado por Bartolomé de Las Casas demonstra o quão ambiciosos e avaros se tornaram os cristãos espanhóis em solo latino-americano, ao narrar o momento em que um cacique chamado Harthuey reuniu o seu povo na ilha de Cuba e assim disse:

Sabeis vós que os espanhóis vem por aqui e de maneira trataram a tais e tais tribos e por que assim o fazem? Responderam-lhe que não, se não que eram de sua própria natureza (diziam eles) cruéis e malvados. Ele lhes disse: Não é só por isso, senão também porquê têm um Deus que adoram; e, olhando junto de si um cofre cheio de ouro e de jóias, lhes disse: Eis aqui o Deus dos espanhóis (LAS CASAS, 2001, p.43).

Com isso a adoração ao deus Mamon (palavra hebraica que literalmente significa dinheiro ou riquezas) conduziu os colonizadores espanhóis a cometerem todo tipo de barbaridade, carregada de uma perversidade “demoníaca” que culminou com um genocídio que exterminou em muitos lugares as populações nativas.

Sobre a busca de outro metal precioso, no caso, a prata, temos o exemplo ocorrido em Potosí, situada na Bolívia na região da cordilheira dos Andes, Potosí se tornou uma das cidades mais ricas do mundo impulsionada pela extração de prata, com isso atraiu nesse período inúmeras pessoas para habitá-la. Em As veias abertas, Galeano registrou que

Potosí possuía 120 mil habitantes segundo o censo de 1573. Apenas 28 anos tinham transcorrido desde que a cidade brotara entre os páramos andinos e já contava, como por artes de magia, com a mesma população de Londres e mais habitantes do que Sevilha, Madri, Roma ou Paris. Por volta de 1650, um novo censo adjudicava a Potosí 160 mil habitantes. (GALEANO, 2015, p.41).

O ouro e a prata fomentavam o grande crescimento e desenvolvimento da economia europeia, os metais preciosos extraviados da América Latina sustentaram a vida luxuosa de reis, de toda uma nobreza, como também do alto clero da Igreja. Galeano diz que

Entre 1503 e 1660, desembarcaram no porto de Sevilha 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata. A prata levada para a Espanha em

⁸ Mateus, 6, 24.

⁹ I Timóteo 6, 10.

pouco mais de um Século e meio excedia três vezes o total das reservas europeias. (GALEANO, 2015, p.44).

Entretanto grande parte das riquezas que chegavam em solo espanhol provenientes no Novo Mundo eram destinadas a pagar dívidas da coroa com seus credores, grande parte deles sendo banqueiros estrangeiros. Sobre essa questão Eduardo Galeano em *As Veias Abertas da América Latina* nos diz que:

Também grande parte dos impostos tinha a mesma sorte: em 1543, 65 por cento do total das rendas reais se destinava ao pagamento das anuidades dos títulos da dívida. Tão só em mínima proporção a prata americana era aplicada na economia espanhola: embora fosse formalmente registrada em Sevilha, ia parar nas mãos dos Függer, poderosos banqueiros que tinham adiantado para o Papa os fundos necessários para a conclusão da Catedral de São Pedro, e de outros grandes prestamistas da época, no estilo dos Welser, dos Shetz ou dos Grimaldi. A prata também se destinava ao pagamento das exportações de mercadorias não espanholas para o Novo Mundo. (GALEANO, 2015, p.45).

Porém após a segunda década do Século XIX com o esgotamento da prata a população que habitava em Potosí caíra drasticamente. A seguir, será apresentado como ocorreu à exploração e o genocídio das populações nativas se utilizando de informações registradas por uma testemunha ocular dessas atrocidades cometidas contra os povos indígenas.

1.3. A exploração e o assassinato dos povos nativos e a reação de Bartolomé de Las Casas

Movidos, sobretudo por interesses expansionistas, os colonizadores espanhóis não demoraram a se lançar como feras selvagens sobre os indefesos indígenas que habitavam nas ilhas caribenhas. O europeu que vivia o fervor do humanismo e do renascimento cultural, não foi capaz de se portar como seres humanos civilizados, como cristãos foram tomados pela falta de empatia pela qual afligiram os povos nativos, cometeram tantas perversidades que ofuscou os atos agressivos que povos chamados por eles de bárbaros fizeram no passado. Sobre tais fatos Eduardo Galeano comentou em *As veias abertas da América Latina*:

“Na Idade Média, uma bolsa de pimenta valia mais do que a vida de um homem, mas o ouro e a prata eram as chaves que o Renascimento usava para abrir as portas do Paraíso no céu e as portas do mercantilismo capitalista na terra. A epopeia de espanhóis e portugueses na América combinou a propagação da fé cristã com a usurpação e o saque das riquezas indígenas”. (GALEANO, 2015, p.32).

O dia 13 de janeiro de 1493 ocorreu o primeiro confronto registrado dos colonizadores contra os índios. Tal fato ocorrido ainda na primeira viagem de Colombo a América parecia um presságio do que haveria de vir.

A tragédia indígena teve inicialmente a partir do contato com os espanhóis, os organismos dos povos nativos não suportaram o contato com novas doenças. Sobre esse fato nos relatou Eduardo Galeano em *As veias abertas da América Latina*:

Bactérias e vírus foram os aliados mais eficazes. Os europeus traziam, como pragas bíblicas, a varíola e o tétano, várias enfermidades pulmonares, intestinais e venéreas, o tracoma, o tifo, a lepra, a febre amarela, as cáries que apodreciam as bocas...Os índios morriam como moscas: seus organismos não opunham resistência às novas enfermidades, e os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis. (GALEANO, 2015, p.39)

Foi durante a segunda viagem de Colombo a América (1493-1496) que se intensificou a busca por ouro, se aprofundou a exploração dos nativos, na procura do metal precioso se iniciou um processo bárbaro em solo caribenho. Sobre isso escreveu Marc Ferro:

A destruição dos indígenas do Caribe começa em 1495 em Hispaniola (Haiti). É ‘a maldita fome de sexo’, tanto quanto ‘a maldita fome de ouro’, que está na origem de um extermínio por meio de execuções, mas também em razão dos trabalhos forçados e das doenças – a rubéola, a gripe, a varíola, enquanto os europeus contraem a sífilis. As doenças traídas do Velho Mundo dizimam as populações indígenas. Em menos de meio século,

em todo o Caribe, apenas na Dominica resta alguma população nativa. No antigo reino dos incas, as vítimas chegam aos milhões. (FERRO, 2017, p. 28).

Além dos relatos retirados do diário de bordo do próprio Colombo. Temos uma fonte bem escrita de outra testemunha ocular dos fatos, seu nome, Bartolomé de las casas.

Frei Bartolomé de Las Casas, nascido em Sevilha em 1474, formado em direito pela Universidade de Salamanca, embarcou para a América em 1502, com o objetivo de aumentar suas posses, ser dono de terras. A partir de 1511 se tornou “encomendeiro” função responsável pela catequização dos Índios onde esses últimos em troca, teriam que pagar através de intensos trabalhos não remunerados.

Em 1513 Bartolomé de Las casas assistiu ao sermão do padre António de Montesinos, Dominicano, fez uma crítica às praticas e abusos cometidos contra os indígenas, tal sermão impactou a vida de Las Casas fazendo-o em 1514 se tornar um defensor da causa dos povos nativos.

Sobre os acontecimentos ocorridos na ilha Espanhola, Las Casas deixa clara a boa receptividade dos índios para com os colonizadores, sua inocência e ingenuidade sobre os males que o povo invasor iria lhe causar, segue suas palavras:

Sobre esses cordeiros tão dóceis, tão qualificados e dotados pelo seu criador como se disse, os espanhóis se arremessaram no mesmo instante em que os conheceram; e como lobos, como leões e tigres cruéis, há muito tempo esfaimados, de quarenta anos para cá, e ainda hoje em dia, outra cousa não faze, ali senão despedaçar, matar, afligir, atormentar e destruir esse povo por estranhas crueldades(como vos farei ver depois); de tal sorte que de três milhões de almas que havia na ilha Espanhola e que nós vimos, não há hoje de seus naturais habitantes nem duzentas pessoas.(Las Casas, 2001, p.30).

Na ilha de Espanhola, os índios eram agredidos com bofetadas e socos, os colonizadores nem mesmo poupavam a mulher de um rei que dominava aquela ilha, tendo estuprado a mesma. Em inúmeros casos não poupavam mulheres grávidas, nem idosos e crianças pequenas, nesses casos, a barbárie se estendia por todas as pessoas desde homens e mulheres, novos ou idosos. A respeito disso assim relatou Las Casas:

Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem crianças e os homens velhos, nem as mulheres gravidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil... Arrancavam os filhos dos seios da mãe e lhes esfregavam a cabeça contra os rochedos. (Las Casas, 2001,p.34).

Durante a chegada dos colonizadores, havia na América três grandes sociedades nativas que construíram verdadeiros impérios, os incas, astecas e os maias. Os espanhóis foram os responsáveis pela destruição dessas civilizações pré-colombianas. Isso ocorreu porque à medida que os colonizadores tomavam posse das terras, crescia o conflito com os nativos cabendo a estes os serviços manuais forçados. Os indígenas foram torturados e escravizados, foram obrigados a pagar altos impostos que em muitos casos tal pagamento só cessou com a extinção dos nativos como nos diz Galeano a seguir:

Finalmente, a população das ilhas do Caribe deixou de pagar tributos, pois desapareceu: os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens do ouro, na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a metade do corpo debaixo d'água, ou lavrando os campos até a exaustão, com as costas dobradas sobre pesados instrumentos de arar trazidos da Espanha. Muitos indígenas da Dominicana se antecipavam ao destino imposto por seus novos opressores brancos: matavam seus filhos e se suicidavam em massa. (GALEANO, 2015, p.34).

As páginas que registram a história da colonização na América Latina estão “manchadas de sangue” de pessoas inocentes cujo pecado era serem detentoras das terras e das riquezas recém descobertas, a ação colonizadora dos cristãos espanhóis foi marcada por atitudes jamais incentivadas por Jesus de Nazaré.

No próximo subtópico esse trabalho irá abordar importantes acontecimentos ocorridos do Século XVI até o Século XIX, muitos desses eventos iriam impactar o mundo da época e contribuíram posteriormente para o surgimento de um novo pensar teológico a partir da realidade vivenciada na América Latina.

1.4. Importantes acontecimentos ocorridos entre os Séculos XVI ao XIX

Durante os Séculos a Igreja Católica enfrentou diversos movimentos cismáticos, o principal deles até então ocorrerá em 1054 com o chamado Cisma do Oriente, onde marcou a separação entre a Igreja do oriente e do ocidente. Porém no Século XVI ocorreu outro grande cisma, em 1517, o monge agostiniano Martinho Lutero afixou suas 95 teses na porta da igreja do castelo em Wittenberg na Alemanha. Martinho criticou várias crenças e práticas da igreja, sua forte crítica contras as indulgências e seus ataques ao Papa Leão X culminou com sua excomunhão em 1521. Em 1524 ocorreu uma revolta camponesa, onde estes viram a oportunidade de poder se rebelar contra as injustiças cometidas tanto pela nobreza quanto pelo clero. Lutero em seus sermões até criticou os abusos dos nobres e lamentou a desgraça que passavam os pobres, porém, temendo perder o apoio da nobreza, o reformador alemão terminou incitando os nobres e tal ação culminou com a morte de milhares de camponeses. Outros nomes que se destacaram na reforma foi João Calvino em Genebra, Zwínglio na Suíça e Menno Simons que se tornou líder dos anabatistas¹⁰.

Os efeitos da crítica protestante e a própria pressão interna na igreja em busca de mudanças, levou o catolicismo a fazer a Contra-Reforma que criou o Concílio de Trento ocorrido de 1545 até 1563. O concílio reafirmou as doutrinas da igreja, trouxe de volta a inquisição e criou o Index, uma lista que continha livros proibidos pela Igreja Católica. A Contra-Reforma também se utilizou da Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534, essa ordem seria fortemente utilizada no processo de catequização.

Na Europa durante os Séculos XVII e XVIII surgiu o Iluminismo, um movimento intelectual que foi marcado pela busca da razão e por grande admiração pela ciência, nesse sentido, seus pensadores realizaram críticas sobre o período medieval rotulando-o de idade das trevas num nítido contraste com o século das

¹⁰ Para uma maior compreensão da Reforma Protestante ler o livro Teologia dos Reformadores de Timothy George.

luzes. Destacaram-se nesse período os nomes de Immanuel Kant, Voltaire, Montesquieu, Rousseau, David Hume, Denis Diderot e Adam Smith e entre outros.

No Século XVIII Adam Smith publicou em 1776 o seu livro, *A riqueza das nações*, essa obra se tornou referência no que se refere à defesa dos interesses individuais em detrimento dos interesses coletivos. Adam Smith foi um dos que contribuíram para o desenvolvimento do liberalismo econômico, uma teoria econômica contrária a intervenção do Estado na economia.

A partir de 1760 na Inglaterra ocorreu a primeira Revolução Industrial, esta se utilizou de máquinas que aos poucos foram substituindo a mão de obra humana. Sob vários aspectos a Revolução Industrial impactou a vida das pessoas, um deles foi o exôdo rural, onde pessoas deixavam sua terra, seus parentes e se deslocavam para as grandes cidades a procura de emprego. Outro fator foi a intensa exploração da mão de obra, onde homens, mulheres e até crianças eram submetidas a intensas jornadas de trabalho e por fim o crescimento do desemprego gerado pela substituição do trabalho humano por novas tecnologias.

Na América no Século XVIII, surgiu um personagem que marcou as ações que buscaram a resistência dos povos nativos. Túpac Amaru II (1738-1781). Amaru organizou um levante que culminou por Sitiar Cuzco em 1781. Túpac Amaru era um descendente dos imperadores incas, foi notável por combater a escravidão e abolir os impostos, tendo por isso grande aceitação pelos indígenas, acabou sendo perseguido e capturado, foi torturado e por fim morto por decapitação. Em *As veias abertas da América Latina*, sobre isso Galeano (2015, p.73) comenta, “Túpac foi submetido a torturas...cortaram-lhe a língua. Amarraram seus braços e pernas a quatro cavalos, para esquarteja-lo, mas o corpo não se dividiu. Foi decapitado ao pé da força”. Apesar de ter sido derrotado seu movimento iria inspirar outras tentativas de libertação.

Em 1789 estourou na França a Revolução Francesa¹¹, uma série de acontecimentos que foram marcados pela revolta do povo francês contra o clero e a nobreza, para muitos historiadores a queda da Bastilha ocorrida em 14 de julho foi o marco inicial da revolução. A Revolução teve como principal nome Maximilien Robespierre. O movimento derrubou a monarquia absoluta francesa tendo deposto o Rei Luís XVI em 1792 e o executando em 1793. Em relação à importância da

¹¹ Hobsbawm em seu trabalho intitulado *A Era das Revoluções* tece maiores considerações sobre as Revoluções Industrial e Francesa.

Revolução Francesa, em seu livro, *A era das Revoluções*, Hobsbawm (2014, p.100) comenta, “a Revolução Francesa é um marco em todos os países. Suas repercussões, ao contrário daquelas da Revolução Americana, ocasionaram os levantes que levaram à libertação da América Latina depois de 1808”.

O processo de independência se intensificou com as chamadas guerras de independência da América espanhola em 1808, ocorridas num momento em que a Espanha se encontrava fragilizada pelos ataques e pela invasão de Napoleão Bonaparte que culminou com a deposição do rei da Espanha Fernando VII. Posteriormente com a derrota de Napoleão a monarquia espanhola seria restaurada. Nesse na América Latina surgiram movimentos que objetivavam a libertação, no México em 1810, destaca-se a figura de Padre Hidalgo, que liderou um grupo de camponeses e se insurgiu contra o regime colonial, porém, seu movimento foi derrotado pelas elites locais e Padre Hidalgo foi morto em 1811.

Na América do Sul destacou-se Símon Bolívar e José de San Martín. Bolívar, um general venezuelano, liderou o processo de libertação de várias colônias atuando na participação daquilo que se chamou de Grande Colômbia. San Martín tanto atuou no processo de independência da Argentina em 1816 e na independência do Peru em 1821. Sobre essa questão Maqueo nos diz que:

Los pueblos latinoamericanos inician su marcha hacia los estados modernos a partir del inicio de las guerras de Independencia en 1808. La independencia marca una ruptura definitiva con la etapa histórica de la cristiandad colonial, en sus aspectos político-religiosos, no así en aspectos económicos, aunque estos hayan jugado un papel decisivo en la emancipación latinoamericana. En efecto, al nacer las naciones independientes, la modificación en la tenencia de la tierra y de las minas fue casi nula. Los dueños de las mismas provocaron en buena parte la guerra independentista, para evitar los impuestos a la corona, a todas luces injustos. (MAQUEO, 1977, p.12).

Além da resposta armada, como a opressão criou raízes profundas na vida das pessoas da América Latina, esse legado colonial marcado pelo sofrimento e miséria do povo desse continente, seria o “combustível” para que surgisse na própria teologia cristã uma resposta libertadora e revolucionária.

No Brasil em 9 de Janeiro de 1822 Dom Pedro I se recusou a voltar para Portugal, ação que ficou conhecida como Dia do Fico. No dia 7 de Setembro de 1822, as margens do rio Ipiranga em São Paulo, Dom Pedro proclamou a

independência do Brasil, tal gesto anunciou o rompimento com os laços coloniais. Em outubro de 1822 Dom Pedro foi declarado imperador do Brasil.

Na Europa, os efeitos causados pela Revolução Industrial, agravaram a situação dos pobres e dos trabalhadores, nesse cenário, Karl Marx (1818-1883) destacou-se como o melhor intérprete desse período, criticou a exploração e a miséria em que se encontravam os pobres e em 1848 publicou o seu Manifesto do Partido Comunista conclamando a classe operária a abraçar a revolução do proletariado e com seu protagonismo erguer uma sociedade mais justa e igualitária. Os escritos de Karl Marx impactaram as relações de trabalho, contribuiu com a criação de sindicatos e influenciaram grandemente pensadores em todo o mundo, inclusive na América Latina, contribuindo como veremos mais adiante com o próprio surgimento de um pensar teológico latino-americano. Em 26 de março de 1871 ocorreu na França A Comuna de Paris, uma reação do povo parisiense contra a presença dos prussianos que se saíram vitoriosos na guerra Franco-Prussiana, a comuna prendeu o arcebispo de Paris e inúmeros sacerdotes. Porém em 21 de maio de 1871 o movimento contrário à revolução acabou derrotando a comuna matando inúmeras pessoas, prendendo e deportando outras.

O Século XVIII foi marcado pelo surgimento dos Estados Nacionais que modificaram a estrutura e as concepções foram norteadas por um profundo interesse nacionalista. Na América Latina esse processo inicia-se nas guerras de independência iniciada em 1808 relatadas anteriormente. Foi durante esse processo que ocorreu em vários países e inclusive no Brasil uma corrida para produzir uma identidade nacional, foi criado o IHGB em 21 de outubro de 1838 (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) responsável pela criação de métodos, pela publicação e arquivamento dos estudos realizados para o desenvolvimento da História e da Geografia brasileira.

Durante o Século XIX surgiu e se desenvolveu o Liberalismo Teológico, uma corrente de pensamento que se caracterizou pela abertura em discutir de forma crítica às várias nuances doutrinárias do cristianismo. Um dos aspectos da Teologia Liberal era a utilização não apenas daquilo que se entende por revelação divina, essa corrente teológica também se utiliza dos estudos sociológicos, históricos e filosóficos visando uma nova compreensão da fé cristã, para responder os questionamentos e suprir as necessidades do ser humano moderno. Essa corrente teológica ganhou adeptos inicialmente no protestantismo e posteriormente ganhou

representantes no catolicismo que viriam a influenciar no surgimento da Teologia da Libertação¹².

2 - A HERANÇA TEOLÓGICA TRAZIDA PELOS EUROPEUS, O CAMINHO PARA UM PENSAR TEOLÓGICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA LATINO-AMERICANA.

2.1. A Teologia do velho mundo

A Influência do cristianismo na América Latina vem desde a época do “descobrimento” e do posterior processo de colonização. O modelo de Teologia católica vindo para a América Latina por intermédio de suas várias ordens religiosas era totalmente de cunho europeu. A Experiência de fé e prática, a realidade no qual foram baseadas suas crenças advinda de um contexto histórico cultural e econômico amplamente distinto da realidade vivida pelo povo latino-americano.

Durante o processo de colonização podemos destacar a atuação massiva de tais grupos católicos em solo latino-americanos. Dominicanos, Franciscanos e Jesuítas estiveram à frente nesse processo de catequização e deixaram sua influencia histórica nesse continente.

A relação que tais grupos tiveram no início com o reino Espanhol e seu projeto colonizador foi de apoio, com isso, ocorria simultaneamente à exploração das riquezas da América Latina e dos povos indígenas, como também o processo de cristianização dos nativos.

O modo de agir dos Espanhóis em solo caribenho foi um contraste do que se vivia e se acreditava na Europa de seus dias. Mergulhados pela influencia do humanismo e do Renascimento cultural, os religiosos católicos não tiveram a capacidade de compreender e aplicar seus ideais sobre os índios, de aceita-los como seres humanos. É claro que houve exceções, onde muitos indivíduos se destacaram com suas críticas e ações.

Entre os dominicanos temos o exemplo de António de Montesinos e Bartolomé de Las casas. Ambos param responsáveis pela critica e combate inicial contra a ação de exploração econômica e contra o extermínio dos indígenas. Sobre essa questão assim disse Eduardo Galeano em *As veias abertas da América Latina*:

¹² Ver obra *Teologia Moderna* de H. R. Mackintosh.

O Frei Bartolomé de Las casas agitava a corte Espanhola com suas denúncias de crueldade dos conquistadores da América: em 1557, um membro do conselho real lhe respondeu que os índios estavam muito abaixo na escala da humanidade para serem capazes de receber a fé. Las casas dedicou sua fervorosa vida a defesa dos índios ante os desmandos dos mineradores e dos “encomenderos”. Dizia que os índios preferiam ir para o inferno para não encontrarem com os cristãos. (GALEANO, 2015, p. 68-69).

A partir da ação dos franciscanos, podemos destacar o trabalho do Padre Junípero Serra que organizou missões que culminaram com o surgimento de novas ações no âmbito econômico, político e religioso.

A companhia de Jesus deixou seu legado como uma instituição que em vários momentos se posicionou contra os interesses colonialistas. Dentre os Jesuítas podemos destacar Antônio Ruiz de Montoya, Manuel da Nóbrega e José de Anchieta.

Como dito anteriormente, a igreja católica participou desde o principio do processo colonizador, em vários momentos esteve do lado dos opressores e em outros, pelo destaque de alguns personagens de coragem, esteve ao lado dos oprimidos, dos perseguidos que sofriam os abusos cometidos contra si.

Com relação à influência protestante na América Latina, o que se notabilizou foi um claro desinteresse pela evangelização no continente latino-americano. Havia um foco de concentrar as suas missões especialmente em território africano e asiático. Alguns missionários vieram para a América Latina nos séculos anteriores, entretanto, o protestantismo só começou a crescer e se expandir a partir de meados do século XIX e em especial durante o Século XX.

O motivo inicial para o desinteresse protestante quanto a sua atuação na América Latina se deve em especial pela presença maciça do catolicismo e pela política adotada pelo colonizador espanhol e português que criava mecanismos que dificultavam a existência e desenvolvimento protestante em solo latino-americano. Arturo Piedra em seu livro evangelização protestante na América Latina volume 1 assim disse a respeito:

Na América Latina, a história das relações entre católicos e protestantes caracterizou-se pela confrontação. A hierarquia católica sempre se preocupou em criar mecanismos repressivos para impedir qualquer êxito do trabalho proselitista dos protestantes. Os protestantes por sua vez, basearam sua presença na região no argumento de que o cristianismo introduzido pela igreja católica há 400 anos não era suficientemente bíblico. (PIEDRA, 2006, p.20).

Como já foi demonstrado tanto a presença da igreja católica como as ações da coroa espanhola foram também responsáveis de impedir o desenvolvimento do protestantismo na América Latina, a própria experiência negativa dos protestantes no evangelismo em solo espanhol desencorajou missões em solo latino-americano.

Durante o século XIX, muitas críticas foram produzidas por protestantes em relação à atuação da igreja católica em solo latino-americano. Todos esses esforços, no entanto, se resumiram em apenas demonstrar a falha do catolicismo em não se aproveitar do processo colonizador para inserir no continente um cristianismo “verdadeiro e puro”, ou seja, tais críticas eram de cunho religioso e teológico. Sobre essa questão Arturo Piedra em evangelização protestante na América Latina volume I diz:

Questionou-se a Espanha por seu fracasso em atender as necessidades espirituais dos habitantes das colônias e não pela exploração das colônias. Os protestantes julgaram a Espanha não pelos massacres dos indígenas e pela destruição de suas culturas, mas por lhes ter permitido misturar seus valores religiosos encentrais com as tradições e os costumes cristãos. (PIEDRA, 2006, p.24).

A falha em não criticar o modelo de exploração praticado pelo colonizador católico espanhol se deve pelo fato do próprio protestantismo também ter aplicado em alguns lugares dentro de seus domínios o seu próprio sistema colonial.

Somente a partir do fim da guerra entre Espanha e estados unidos ocorrido em 1898, foi que os protestantes Norte-americanos desejaram colocar em prática a ideologia da chamada doutrina Monroe: América para os americanos. Sobre essa questão, Arturo Piedra nos diz que:

Os missionários protestantes estavam eufóricos pela derrota que os estados unidos infringiram à Espanha, que colaborou imensamente para que os estados unidos alcançassem o nível de potencia mundial. Em 1904, Apeer defendia o principio que na essência, levou os estados unidos a intervir e invadir anilitamente os países latino-americanos, ou seja, o principio da policia mundial. (PIEDRA, 2006, p.37).

No geral, tanto a vertente teológica europeia católica quanto a protestante, não se preocuparam em realizar uma crítica sistemática sobre as práticas nocivas cometidas durante o período colonial, salvo apenas por algumas críticas de personagens isoladas como a história desse processo já nos mostrou. Caberia então partir por parte dos próprios oprimidos tal ação reflexiva e libertadora, este trabalho relatara a seguir a influência e o legado do Concílio Vaticano II e da Conferência de

Medellín nesse processo de tomada de consciência e no agir em busca de transformação.

2.2. O concílio Vaticano II

Após as duas grandes guerras mundiais, o mundo entrou num colapso econômico gigantesco, com o desemprego e a fome em forte crescimento, não se encontrou saídas advindas do liberalismo econômico clássico. Esse período foi marcado pela influência de um economista liberal inglês, John Maynard Keynes, seu pensamento chamado keynesianismo pode ser encontrado na sua obra Teoria Geral do emprego, do juro e da moeda publicado em 1936. Outro fato importante do período foi a chamada Guerra Fria, um conflito, armamentista, cultural e científico que envolvia duas grandes potências do pós-guerra: EUA e URSS.

Durante os anos 50 do século XX, passou-se a adotar a teoria do desenvolvimentismo como resposta aos problemas sociais vivenciados na América Latina. Segundo essa linha de pensamento, alguns economistas e sociólogos defendiam para a América Latina um plano linear de desenvolvimento.

Este plano demonstrava os caminhos percorridos pelas grandes potências econômicas desenvolvidas e que se os países subdesenvolvidos adotassem tais medidas atingiriam o status de países desenvolvidos. Essas medidas eram decididas e controladas por oligarquias ou Burguesia nacionais ligadas e orientadas basicamente pelos Estados Unidos da América.

Tal teoria não se sustentou pelo fato de sendo um processo linear, se os países subdesenvolvidos chegasse, a um patamar de desenvolvimento, tal feito jamais os tornaria desenvolvidos iguais aos outros países, pois estes já teriam avançado ainda mais na distância dos países em desenvolvimento.

Alguns economistas e sociólogos fizeram um trabalho investigativo para identificar as causas para o subdesenvolvimento econômico na América Latina que fugisse da narrativa tradicional, com isso, a teoria socioeconômica marxista foi utilizada de modo a dar uma resposta mais plausível aos problemas econômicos latino-americanos.

Baseados nos estudos marxistas, observou-se que a existência de desenvolvimento e subdesenvolvimento fazia parte do sistema capitalista como um todo e que a teoria que os países subdesenvolvidos deveriam seguir para se tornarem desenvolvidos seria uma ilusão.

A respeito dessa questão eis o que disse Roberto Oliveros Maqueo em sua obra *Liberación Y Teología*:

Las investigaciones manifestaron que en el sistema capitalista, donde la principal fuerza y la regla del juego a defender, es el incentivo de acumular bienes, es imposible que exista al mismo tiempo y sobre los mismos bienes una distribución equitativa. Suponer que los bienes son ilimitados, tiene su mentís en la guerra actual por el petróleo.²² La conclusión de las investigaciones la podemos resumir en: desarrollo-subdesarrollo son partes complementarias en la unidad del sistema capitalista.²³ Para los países de la periferia o subdesarrollados, es vana ilusión el que tienen posibilidades de desarrollarse en el sistema capitalista vigente. (MAQUEO, 1977, p. 18-19).

O uso do termo libertação passou a ser utilizado com ênfase visando à independência econômica e política da América Latina. Identificou-se que ambos os caminhos da libertação, não poderiam ocorrer com facilidade por conta de uma oligarquia ou burguesia nacional comissionista, que defendia os interesses capitalistas e desprezavam valores culturais de sua própria terra.

Tal situação vivenciada fez com que no seio da própria igreja surgissem nomes que se engajaram na união, que representou a junção dos interesses religiosos com políticos e econômicos, um desses exemplos foi o do padre colombiano Camilo Torres¹³, que movido por um pensamento revolucionário inclusive se juntou a grupos guerrilheiros na busca da quebra do status quo.

Nesse processo esses cristãos que abraçavam a causa revolucionária faziam a crítica sobre a forma pastoral tradicional da igreja, que enfatizava uma preocupação excessiva com a ortodoxia doutrinária e negligenciava um maior cuidado com a ortopraxis.

Tal crítica fez surgir uma nova forma de entender a fé na América Latina. Em meio a tempos de mudanças tanto no contexto latino-americano como também no resto do mundo que vivia com um repleto de intensas transformações históricas, sociológicas e científicas. A igreja católica sentiu a necessidade de dar uma resposta e com isso procurar acompanhar tais mudanças.

Com a morte do papa pio XII, em 1958, houve a necessidade da escolha de um novo papa, o escolhido foi o Cardeal Ângelo Roncalli, Italiano eleito em 18 de

¹³ Foi um padre católico e Guerrilheiro Colombiano (1929 – 1966).

outubro de 1958, aos 77 anos de idade, adotou o nome de João XXIII, o mesmo nome de um papa que combatido pelo concílio de Constança, fugiu e posteriormente foi deposto.

João XXIII sentiu a necessidade de convocar um novo concílio ecumênico para discutir uma forma da igreja se atualizar e acompanhar as mudanças trazidas pela modernidade.

O anúncio do concílio ocorreu em 1959 e sua primeira seção foi em 11 de outubro de 1962. A palavra italiana *Aggiornamento*¹⁴ se tornou a base da intenção do concílio, o seu significado literalmente atualização, demonstrando que o objetivo do concílio vaticano segundo seria de criar uma nova apresentação das doutrinas católicas ao mundo moderno. O Concílio Vaticano II reuniu aproximadamente 2500 bispos do mundo e mais de 500 peritos auxiliavam os bispos durante as seções.

Esse concílio contou com a presença de 31 representantes Ortodoxos, anglicanos e protestantes. O concílio foi marcado por um choque de interesses, a cúria romana havia desenvolvido sua própria agenda, além disso, existiam as pautas reivindicadas pelos bispos diocesanos ao redor do mundo, estes traziam para o concílio preocupações mais práticas condizentes com a realidade dos lugares que cada um representava.

João XXIII morreu em junho de 1963, e o escolhido como seu sucessor foi Paulo VI, sobre essa questão assim disse Christopher M. Bellitto em seu livro *História dos 21 concílios da igreja*:

Paulo VI foi uma boa escolha, porque, embora tivesse passado a maior parte de sua carreira como membro da cúria, também havia sido bispo diocesano e tinha a reputação de ser relativamente progressista. Sem demora, ele deixou bem claro o seu desejo de que o Concílio Vaticano II continuasse a seguir o mesmo rumo que já havia sido estabelecido e até foi um pouco mais longe ao permitir que conselheiros leigos também participassem do concílio. (BELLITTO, 2016, p. 181).

O concílio produziu 16 documentos, um deles, a *Gaudium et Spes* tratou da relação da igreja com o mundo moderno, ele reconhecia os avanços da modernidade e revelava a intenção da igreja em se adequar a tais mudanças.

O *Lumen Gentium* apresentou a igreja como instituição e corpo místico de Cristo. Nele havia um nítido contraste entre a igreja pré-Vaticano II e pós-Vaticano II. Christopher M. Bellitto em seu livro *história dos 21 concílios da igreja* assim falou a respeito desse documento.

¹⁴ Em italiano significa atualização, palavra chave que moveu o Concílio Vaticano II.

Em um contraste bastante pronunciado à expressão *Anathema Sit*, que fez com que a igreja passasse a ser considerada intolerante (especialmente em seus concílios gerais?), a *Lumen Gentium* encarava de um modo positivo todas as pessoas que estavam à procura de Deus independentemente do caminho que escolhessem, fosse até católico, cristão ou não. (BELLITTO, 2016, p.186).

Outro importante documento do Vaticano II foi a *Sacrosanctum Concilium*, tratou sobre a questão da liturgia, tratou também sobre uma participação mais afetiva dos leigos, como também permitiu a celebração da missa nas línguas vernáculas, alcançando com isso um melhor e maior entendimento dos fieis sobre o que de fato aconteceu.

As vantagens de se introduzir as línguas locais nas liturgias e determinar que os ritos fossem mais simples para que eles pudessem voltar as suas origens. Mais do que qualquer outro esse documento contribuiu de forma significativa para que o *Aggiornamento* promovido pelo concílio Vaticano II atingisse o seu alvo principal. (BELLITTO, 2016, p.189).

O documento *Dei Verbum* incentiva o estudo da Bíblia pelos fieis e pede que eles utilizem métodos que facilitem a interpretação e inclusive se utilize das traduções nas línguas de cada localidade.

Em *Nostra Aetate*, trata sobre a questão das outras Fés. Sobre os efeitos de *Nostra aetate*, assim disse o concílio Vaticano II expressava o respeito que o catolicismo tinha por outros sistemas de fé, mas sem que isso significasse uma desistência de seu objetivo de compartilhar as boas novas trazidas por Jesus Cristo. O *Nostra aetate* se referia em termos favoráveis ao hinduísmo, ao budismo e ao islamismo, mas algumas de suas divergências mais extraordinárias em relação aos concílios gerais anteriores diziam respeito aos judeus. (BELLITTO, 2010, p.194).

A declaração *Dignitatis humanae* abordou a questão da liberdade religiosa, vista como algo fundamental pelo concílio. A partir dessa liberdade, as pessoas estariam livres a professar sua fé ou até mesmo nenhuma, se utilizando como fundamento da liberdade de expressão sobre essa questão assim disse Christopher M. Bellitto:

Ao reconhecer que nem sempre a igreja havia deixado de tomar medidas coercitivas ao longo de sua história, o concílio Vaticano II afirmou que a liberdade religiosa significava que nenhum indivíduo ou governo poderia obrigar as pessoas a participar, cultuar ou acreditar em determinada religião. (BELLITTO, 2016, p.196).

A importância do Concílio Vaticano II com sua proposta de atualização da igreja concernente as necessidades do homem moderno foi fundamental para discussões ocorridas na América Latina, como a conferência de Medellín que será abordada a seguir nesse trabalho, como também para a própria produção e publicação da obra *teologia a libertação*, feita por Gustavo Gutiérrez.

2.3. A Conferência de Medellín

Logo após o término do concílio Vaticano II em 1965, ocorreram à produção de inúmeros documentos, sejam cartas e declarações que discutiam fervorosamente a realidade vivenciada pelos latino-americanos.

Todas essas discussões culminaram com a realização da segunda conferência geral do episcopado latino-americano, ocorrido em Medellín na Colômbia entre 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. A proposta dessa conferência foi à aplicação dos ditames definidos no Concílio Vaticano II para responder às questões referentes à América Latina.

O concílio Vaticano II ofereceu respostas às necessidades do homem moderno, especialmente ao homem europeu, se ofereceu respostas sobre o ateísmo, sobre liberdade religiosa e sobre o ecumenismo, a proposta da conferência de Medellín foi se utilizar do espírito do Vaticano II, porém oferecer respostas condizentes com a necessidade do povo latino-americano, sobre essa questão roberto Oliveros Maqueo em sua obra *liberacion Y teologia* diz:

Por esta razón, em Medellín, más que la letra del Vaticano II, se assume su espíritu. No se toman Pónulas nacidas por y para outro contexto. Nadie, aunque se a medianamente conocedor del Vaticano II, cuestionatá su impotancia y grandeza. A sí mismo, nadie negará que el Vaticano II fue orientado fundamentalmente a responder a las preguntas del hombre moderno de los países desarrallados. No es de sorprender que temas de latinoamerica como la religiosidade popular o el de la violência institucionalizada, no hayan centrado la atención del Vaticano II, y sé cuestiones como el ateísmo t el ecumenismo. El interlocutor privilegiado por el vaticano II, el hombre de los países desarrollados, señala la altura y limitación de la cristología y la eclesiologia del concilio... pensar la fe desde la situación de miséria e injusticia que padeceu grandes grupos humanos latino-americanos es el aporte fundamental de Medellín...(MAQUEO, 1977, p.51).

A gradativa tomada de consciência sobre a real condição do continente latino-americano fez com que surgissem análises que foram marcadas por intensos debates que acarretaram num novo modo de fazer teologia. A conferência de Medellín aplicou esse novo modo de pensar e fazer teológico, mas, como veremos adiante, coube à figura de Gustavo Gutiérrez a sistematização desse pensamento. Maqueo nos diz que:

La realidad latino-americana vista y entendida em sus raíces y ramificaciones motiva la reflexión. Si la reunión de los obispos em Medellín hubiera sido del tipo de las efectuadas em Punta del Este, la iluminación y reflexión se reduciría al âmbito de ideologías sócio-políticas. La iluminación que permite ahondar hasta la raíz de la realidad proviene de la fe. (MAQUEO, 1977, p.53).

O cuidado para com os pobres foi um dos temas centrais de Medellín, o grande desafio desse encontro foi obter respostas de como poder falar sobre justiça e paz que Jesus oferece, em meio a um contexto marcado pela injustiça e pela violência institucionalizada. Maqueo nos diz que:

Siempre la Iglesia há procurado cumplir esa vocación, no obstante ‘tantas debilidades y ruinas nuestras em el tempo pasado’. La Iglesia de América Latina, dadas las condiciones de pobreza y subdesarrollo del continente, experimenta la urgência de traducir esse espírito de pobreza em gestos, actitudes y normas que la hagan um signo más lúcido y auténtico de su señor. La pobreza de tantos Hermanos clama justicia, solidaridad, testimonio, compromiso, esfuerzo y superación para el cumplimiento pleno de la misión salvífica encomendada por Cristo. (MAQUEO, 1977, p.55).

O amor pelos irmãos como justiça e paz também foi abordado em Medellín, questionaram como poderiam viver o amor cristão em um contexto histórico por eles vividos. Os jovens que entraram para grupos de guerrilha não vendo outra alternativa para alcançarem a libertação, somados aos sacerdotes e teólogos que abraçaram a causa dos pobres, acabou por inquietar a consciência dos reunidos em Medellín.

Sobre a violência institucionalizada na América Latina, Maqueo revela que:

Medellín proclama ese valor del Reino que es la paz. Y cómo el corazón cristiano añora dicha paz. La prefiere, hacia ella se inclina espontáneamente. No es propio del cristiano el pelearse, el hacer la guerra por gusto o deporte. Medellín no se queda ahí. Indica la condición indispensable para que pueda florecer la paz de Cristo. Esta condición es la justicia. Y con dolor reconoce la situación de injusticia, que llega a denominar de “violencia institucionalizada”. El reconocimiento de Medellín de la existencia de la violencia provoca el cambio em la problemática sobre la misma. Ya no se discutirá sobre si existe o no existe. Medellín es claro: estamos actualmente em situación de violencia institucionalizada. (MAQUEO, 1977, p.56).

Os reflexos da conferência de Medellín sobre a Igreja na América Latina são grandiosos e permanentes. Sua influência pode ser observadas atualmente, e firmou a inspiração sobre Gustavo Gutiérrez na produção da Teologia da Libertação. Que a preocupação central com o pobre da América Latina apresentadas em Medellín possam ainda comover e nos inquietar na busca de soluções para os problemas deste continente. No próximo capítulo será abordada a pessoa de Gustavo Gutiérrez, como também a publicação do livro Teologia da Libertação e em seguida uma breve síntese da obra.

3 - GUSTAVO GUTIÉRREZ, A PUBLICAÇÃO DA OBRA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E UMA SÍNTESE DA MESMA.

3.1. Gustavo Gutiérrez e a publicação da obra Teologia da Libertação

Gustavo Gutiérrez Merino é um sacerdote dominicano peruano, nascido em 8 de Junho de 1928 em Lima. Logo cedo foi acometido de osteomielite tendo que utilizar inclusive cadeira de rodas.

Gutiérrez se tornou seminarista em Santiago no Chile, posteriormente estudou Filosofia e Psicologia na universidade católica de Louvain na Bélgica, além de ter estudado Teologia em Lyon na França, continuou seus estudos teológicos na universidade Gregoriana de Roma e no Instituto católico de Paris. Se tornou sacerdote em 1959, fundou o Instituto Bartolomé de Las Casas, foi consultor teológico durante a Conferência de Medellín em 1968 e escreveu dentre tantas obras, aquela que talvez seja seu maior escrito, “Teologia de la liberación. Perspectivas”. Essa obra foi a responsável por sistematizar as discussões, os debates que vinham acontecendo e que desencadearam no surgimento de uma Teologia latino-americana.

Logo após a conferência de Medellín, Gustavo Gutiérrez continuou aprofundando a sua linha de pensamento, e em 1968 produziu um ensaio sobre a pastoral da igreja na América Latina. Oliveros Maqueo nos diz que:

Crítica de la pastoral de la Iglesia en América Latina Después de Medellín, G Gutiérrez sigue profundizando en la línea de trabajo presentado en Chimbote (cfr. 1ª. Parte) que fue el primer apunto hacia la teología de la liberación. En Octubre de 1968, publica su ensayo, en realidad anterior (Feb, 1967) sobre la pastoral de la Iglesia en América Latina. Este trabajo vuelve a reflejar la inquietud de G. Gutiérrez sobre el sentido de la existencia y misión del cristiano y de la Iglesia en el mundo. Cuestiona con preguntas radicales y que engloban lo esencial de la Iglesia. En su estudio, en primer término describe las formas tradicionales de pastoral, a saber, la de “cristiandad”, la de la “nueva cristiandad” y la que titula de “madurez de la Fe”; y explica la nueva forma de pastoral que empieza a surgir en América Latina y que llama “pastoral profética”. (MAQUEO, 1977, P.77-78).

Em 1968 Gutiérrez publicou um estudo sobre a pastoral da igreja na América Latina. Nele refletiu sobre o sentido da missão do cristão e da igreja no mundo. Através desse tratado, Gutiérrez fez uma dura crítica a prática de fé da igreja e a teologia que dela se baseava. Em relação a esse tratado, Maqueo nos diz que:

Como decía, este ensayo manifiesta particularmente el tono pastoral y eclesial del pensamiento teológico de G. Gutiérrez. Así mismo, el profundo amor que le tiene a la Iglesia. Critica agudamente y con acierto que la Iglesia acepte o tolere formas de acción que la aparten del compromiso pleno con Cristo pobre. En esta crítica surgida de nuevos modos de vivir la fe, va G. Gutiérrez fecundando su pensamiento teológico hacia la liberación. (MAQUEO, 1977, p.78).

Em 1969 ocorreu um encontro em Cartigny na Suíça, onde houve o comparecimento de teólogos de várias partes do mundo, se reunindo com o objetivo de discutirem os rumos da então proposta teologia do desenvolvimento, que se referia a um adequar teológico aos ideais desenvolvimentistas. Os líderes convidaram Gutiérrez para palestrar sob o título “O sentido do desenvolvimento, Gutiérrez assim como fez em Chimbote, se recusou a basear seu discurso sob o tema imposto e seguiu sua palestra com o tema: notas para uma teologia da libertação. Em relação a essa questão Maqueo escreveu:

En esta exposición tenemos ya, en esbozo, las líneas maestras de la teología de la liberación. Diríamos, está en embrión lo que aparecerá bien conformado en su libro. No me detendré sino brevemente en el análisis de esta presentación, pues lo haré al estudiar el libro de G. Gutiérrez “Teología de la Liberación”, donde culminan las líneas de pensamiento presentadas en Cartigny. Indicaré de esta exposición lo que considero de importancia para seguir el proceso de formación de la teología de la liberación. (MAQUEO, 1977, p.78).

Na reunião em Cartigny na Suíça foi apresentado por Gutiérrez aquilo que viria a ser sua obra Teologia da Libertação que foi publicada em 1971. A partir do próximo subtópico este trabalho tem seu foco em apresentar de forma sintética o livro Teologia da Libertação e demonstrar alguns reflexos de sua aplicação na vida da igreja.

3.2. Um breve olhar sobre o livro Teologia da Libertação

Em meio às intensas discursões no qual a igreja latino-americana estava inserida, surgiu uma nova forma de fazer e pensar Teologia partindo da realidade vivenciada em solo latino-americano, alguns pensadores refletiram sobre as imensas desigualdades sociais presentes no continente.

Das várias discursões que se seguiram ao Concílio Vaticano II, podemos destacar o encontro em Chimbote, e a conferência de Medellín, das ideias que emergiram desses debates, Gustavo Gutiérrez foi o responsável por realizar uma sistematização. Tal obra ficou conhecida como Teologia da Libertação Perspectivas.

Esse termo libertação já vinha sendo discutido nas várias reuniões anteriores que ocorreram na América Latina, significava a adesão dos cristãos a participar de um processo de plena libertação, incluindo o contexto político e socioeconômico. Em 1971, Gustavo Gutiérrez, publicou aquela que talvez seja sua maior obra “Teologia da Libertação Perspectivas”.

A Teologia da Libertação surgiu como uma forma da igreja latino-americana responder as necessidades de seu povo, foi desenvolvida com o propósito de denunciar injustas opressões sociais e econômicas nas quais vivem os povos latino-americanos.

Um dos elementos que foram desenvolvidos durante as reuniões que antecederam a publicação do livro foi à chamada “opção preferencial pelos pobres”, essa visão muitas das vezes foi distorcida como que significando uma opção exclusiva pelos pobres, onde na verdade, o que a teologia da libertação propõe é que na emergência da situação em que os pobres latino-americanos se encontram que eles possam ser prioridade nas ações de socorro, solidariedade e defesa dos seus direitos por parte da igreja. Na introdução da obra Teologia da Libertação Gustavo Gutiérrez nos diz que:

Esse é o contexto de um tema central nessa Teologia, hoje amplamente aceito na Igreja universal: *a opção preferencial pelo pobre*. “Medellín falava de dar” preferência efetiva aos setores mais pobres e necessitados e aos segregados por qualquer causa” (pobreza,n.9). O próprio termo preferência rechaça toda exclusividade e sublinha quem devem ser os primeiros – não os únicos – em nossa solidariedade.(GUTIÉRREZ, 2000, p.23).

A teologia da libertação introduziu as ciências sociais como forma de melhor compreensão da realidade, e com isso, não somente se utilizar dos elementos contidos na revelação, ela se utiliza de interpretações da Filosofia, Sociologia e História, e tem uma forte influência do materialismo histórico presente nas teorias de Karl Marx e sua visão sobre a práxis. Gutiérrez nos diz que:

A isso se acrescenta a influência do pensamento marxista centrado na práxis, dirigido para a transformação do mundo. Tem seus inícios em meados do século passado, porém sua gravitação se acentuou no clima cultural dos últimos tempos. Muitos são os que por isso pensam, com Sartre, que “o marxismo, como marco formal de todo pensamento filosófico de hoje, não é superável”. Seja como for, de fato, a teologia contemporânea acha-se em inesquivável e fecunda confrontação com o marxismo. (GUTIÉRREZ, 2000, p.66).

A teologia da libertação propõe uma união entre fazer teologia e a espiritualidade, defende a união da chamada ortodoxia e a ortopráxis, essa vertente teológica alerta que por parte da igreja houve uma supervalorização da dogmática, da ortodoxia e de reflexões sobre o combate das falsas doutrinas, entretanto, foi negligente no que se refere à ortopráxis ou a prática correta da fé. Sobre isso Gutiérrez afirma que:

Não se pretende com ele negar o sentido que pode ter uma ortodoxia entendida como proclamação e reflexão sobre afirmações consideradas verdadeiras. O que se procura é equilibrar, e mesmo repelir, o primado e a quase exclusividade do doutrinal na vida cristã, sobretudo o empenho – muitas vezes obsessivo – de procurar uma ortodoxia que amiúde não passa de fidelidade a uma tradição caduca ou a uma interpretação discutível. (GUTIÉRREZ, 2000, p.66).

Essa vertente teológica realizou uma crítica do chamado desenvolvimentismo, uma teoria que durante a década de 50 do século XX, influenciou sob maneira o trilhar dos países subdesenvolvidos no caminho do desenvolvimento alcançado pelos países desenvolvidos.

Gustavo Gutiérrez apresenta em seu texto o pecado como a raiz de todo mal, da miséria e das desigualdades existentes o mundo. No entanto ele não isenta a responsabilidade de um sistema capitalista que é o mecanismo reprodutor de desigualdades entre os países. Sobre essa questão ele nos diz que:

O pecado, ruptura da amizade com Deus e com os outros, é, na Bíblia, a causa última da miséria, da injustiça, da opressão em que vive a humanidade. Dizer que é a causa última não significa, de modo algum, negar as razões estruturais e os condicionamentos objetivos de tais situações: mas sublinha que as coisas não ocorrem por acaso, que por trás de uma estrutura injusta há uma vontade pessoal, ou coletiva, responsável, uma vontade de rejeição a Deus e aos demais. (GUTIÉRREZ, 2000, p.94).

A teologia da libertação defende a ruptura da concepção tradicional entre sacerdote e laicato, onde nessa visão caberia ao sacerdote ou religioso apenas

cuidar dos interesses da fé, das questões espirituais e doutrinarias e aos leigos ficando a missão de trabalhar no âmbito religioso como também no político e socioeconômico. A teologia da libertação impulsiona também os sacerdotes a participarem da política visando à transformação do mundo e a consequente melhoria de seu povo.

As chamadas comunidades eclesiais de base surgiram como agentes que iriam refletir sua fé sondando a realidade na qual estavam inseridos e passando a ser agentes transformadores tanto da igreja como da sociedade.

Surgiram cobranças por parte de sacerdotes e religiosos que se comprometiam pela causa dos pobres para que a igreja rompesse com o poder dominante ficando assim do lado dos dominados e contra os dominadores. Essa reação desencadeou inúmeras perseguições contra teólogos e padres da Teologia da Libertação, levando inclusive ao assassinato de alguns deles.

Com isso a teologia da libertação defende que é de suma importância a participação dos oprimidos neste processo libertador. Nesse contexto foi fundamental a contribuição de Paulo Freire na pedagogia, onde através da obra pedagogia do oprimido, não só lutava para alfabetizar crianças, jovens e adultos como também despertar neles o processo de conscientização que os permitiria ser eles próprios agentes transformadores de suas vidas e de suas comunidades.

No Brasil, nomes como do Frei Leonardo Boff, Frei Beto e entre outros se destacam como defensores dessa corrente teológica libertadora, nascida neste continente que hoje precisa tanto quanto antes se livrar das algemas e do cárcere da opressão.

CONCLUSÃO

Após o desenrolar de todo o trabalho, pudemos observar o florescer da Teologia da Libertação em solo latino-americano. Foi demonstrado como no século XX, houve por parte de muitos cristãos uma crescente preocupação em relação aos problemas sociais que ocorriam em toda a América Latina, mesmo que a maioria das pessoas que fazem parte da igreja preferiram permanecer ligados ao sistema opressor.

Foi demonstrado nesse trabalho, o desenrolar de vários acontecimentos históricos que ocorreram na Europa e na América Latina, como a influência do liberalismo econômico e suas consequências para os mais pobres, os impactos causados pela Revolução Industrial que são vistos até os dias atuais, a influência e o legado da Revolução Francesa e seus desdobramentos que culminaram com revoluções e protestos em várias partes do mundo.

Foi abordado também as guerras de independência da América espanhola que culminaram com a criação dos Estados Nacionais, como também a importância do pensamento de Karl Marx com sua teoria materialista, sua crítica ao capitalismo se encaixara com a realidade de exploração vivenciadas pelo povo latino-americano. Foi relatado também o pano de fundo vivido pelo mundo após as duas grandes guerras mundiais e o estabelecimento da guerra fria, envolvendo um conflito epocal entre EUA e União Soviética.

Esse estudo relatou a influência do liberalismo teológico no processo de influenciar a produção da Teologia da Libertação, nomes como de Karl Rahner entre os teólogos católicos e o de Moltmann entre os protestantes influenciaram grandemente uma geração de pensadores adeptos dessa corrente.

Como vimos, o maior objetivo da Teologia da Libertação é denunciar a opressão e convocar os oprimidos despertando-os a serem sujeitos ativos na transformação de si próprios e do mundo em que vivem. Não existe cristianismo genuíno se apenas houver compromisso doutrinal, dogmático sem igual preocupação com as questões ligadas ao bem estar social do ser humano. Separar a ortodoxia da ortopraxis e cometer desprezo pela prática correta da fé conduzirá os

cristãos a uma condição de hipocrisia e de negação por fim dos plenos ideais ensinados por Jesus Cristo.

Nunca foi tão urgente como nos dias atuais discutir, refletir a realidade social e a fé em Cristo, pautadas pelos alicerces firmados pela Teologia da Libertação. Enquanto houver opressão, desigualdade social, injustiças diariamente agravadas pelo sistema capitalista que hoje se encontra em seu estágio mais nocivo, que é a financeirização do capital, é sempre necessário que se levantem homens e mulheres de coragem que dediquem suas vidas em busca de melhorias para si e para seus semelhantes através de uma constante luta que tenha como objetivo a transformação do mundo.

REFERÊNCIAS

- BELLITO, Christopher M. **História dos 21 Concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II**. 2. ed. São Paulo. Editora Loyola. 2016.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**, Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- COLOMBO, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América: as quatro viagens e o testamento**. Editora L&PM. Porto Alegre. 1984.
- FERRO, Marc. **A colonização explicada a todos**, Editora Unesp, São Paulo, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo. Editora Paz e Terra. 2019.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre. Editora: L&PM POKET. 2015.
- GUTIERRÉZ, Gustavo. **Teologia da Libertação, Perspectivas**. São Paulo. Editora Loyola. 2000.
- HERÓDOTO, **Histórias**. Disponível em: www.ebooksbrasil.org/ Acesso em: 4 de Novembro de 2017.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções**. 34. ed. Editora Paz & Terra. Rio de Janeiro. 2014.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. Editora Brasiliense. São Paulo, 2000.
- LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **O paraíso destruído: A Sangrenta história da conquista da América**. Editora: L&PM POKET. Porto Alegre, 2001.
- MAQUEO, Roberto Oliveros. **Liberación y Teología: Génesis y Crecimiento de na reflexión (1966-1976)**. Editora CRT. México. 1977.
- MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**, Editora Expressão Popular. São Paulo, 2020.
- PIEDRA, Arturo. **Evangelização Protestante na América Latina: Análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830 – 1960)**. Editora Sinodal. Equador, 2006.